

A estatística da morte no DF

DF - Saúde

■ Os riscos maiores de cada profissão, segundo pesquisas da UnB e DSP

Num universo de cerca de mil e 800 frentistas que trabalham nos postos de gasolina de Brasília, 46,9% podem vir a sofrer de leucemia. É o que demonstra pesquisa realizada por especialistas da Universidade de Brasília. O benzeno é o principal componente químico do combustível, causador do mal. Na área da construção civil, o estresse que ocasiona úlceras e esgotamento nervoso, entre outros problemas, é a doença que atraiu maior atenção em outra pesquisa, realizada pelo Sindicato dos Médicos do Distrito Federal.

O esforço físico, a constante tensão no meio dos operários que vivem sob a ameaça de acidentes, a má remuneração e a subnutrição surgem no estudo como as fontes geradoras da doença, diz Maria José da Conceição, presidente do sindicato. Mas a lista de males que matam mais as pessoas que vivem em Brasília é bem mais extensa e atinge ricos e pobres.

De acordo com os números do Departamento de Saúde Pública do DF, órgão vinculado à Secretaria de Saúde, 27,8% dos habitantes de Brasília morrem de deficiências cardiovasculares; 13,3% de câncer; 7,2% de doenças respiratórias e 7,1% de doenças infecto-parasitárias. Em 1992 morreram seis mil 853 pessoas no

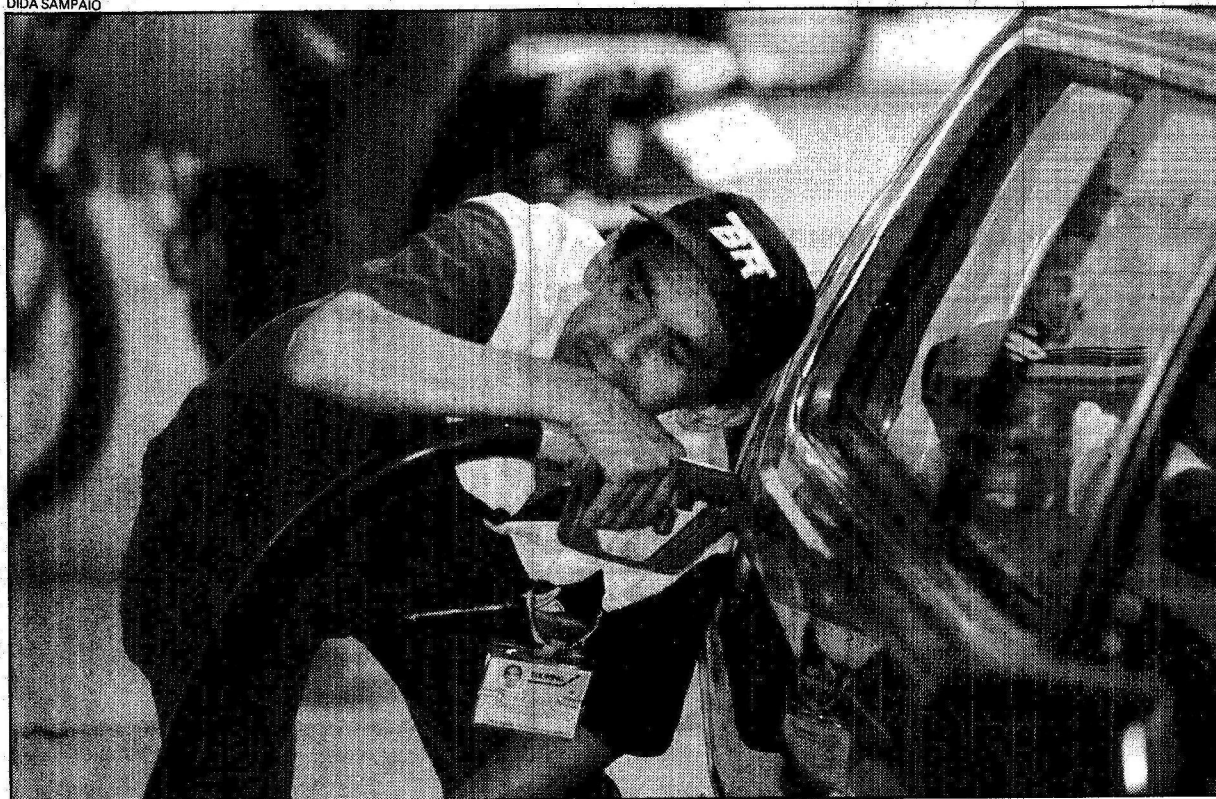
DF, entre as quais 986 de infarto. Doença de Chagas, alcoolismo, tuberculose e diarreia também figuram na pesquisa dos óbitos por doenças feita pelo DSP.

O problema dos pacientes de males crônicos investigados pelos médicos se agrava quando se tratam de pessoas de baixa renda. Mesmo havendo realizado cerca de quatro milhões de consultas no ano passado, os próprios coordenadores da rede de postos e hospitais do DF reconhecem que o sistema ainda não possui estrutura suficiente para atender a demanda de pessoas que não podem pagar consultas.

Relatório da Fundação Hospitalar indica um número de quatro mil 726 profissionais, entre médicos, dentistas, farmacêuticos e enfermeiros que trabalham no sistema, mas a cada ano que passa a população cresce e aumentam as dificuldades da rede.

A diretora do Departamento de Saúde Pública, Roselli Cerqueira, comenta que os estudos mostram ainda um percentual relativamente baixo de óbitos por doenças como sarampo, coqueluche e difteria — 7,1% — em crianças que habitam as cidades-satélites. Ele associa este índice às condições de saneamento básico e à baixa renda das famílias que vivem fora do Plano Piloto.

DIDA SAMPAIO



Nos postos de gasolina, os frentistas se expõem a doenças como leucemia, gastrites e lesões na pele

COMO MORREM OS BRASILIENSES

27,8%

por doenças cardiovasculares

13,3%

por câncer

7,2%

por doenças pulmonares

Método Sarah dá esperança

Crianças com diagnóstico de paralisia cerebral terão grandes chances de andar se conseguirem equilibrar a cabeça até os nove meses de idade, sentar até os dois anos e engatinhar até os dois anos e meio. A observação do comportamento da criança no dia-a-dia doméstico é o item principal do método desenvolvido no Hospital Sarah Kubitschek para tratar de pacientes com este problema. O estudo do hospital foi apresentado durante Congresso da Associação Americana de Ortopedia, em San Valley, Odaho, nos Estados Unidos, no início deste mês.

O Método Sarah, como foi batizado, foi desenvolvido depois de 22 anos de pesquisa, quando foram avaliados 11 mil casos. Segundo o diretor do

hospital, Aluísio Campos da Paz, membro da equipe de especialistas responsável pelo estudo, determinadas características de desenvolvimento foram identificadas como sendo comuns a todos os casos.

De acordo com os especialistas, a análise de reflexos da criança enquanto bebê é importante porque vai definir o tipo de tratamento adequado. "As vezes, perdia tempo, tentando fazer andar um paciente sem condições", explicou Campos da Paz. Segundo ele, as terapias e equipamentos indicados são diferentes para cada caso e, através do método, fica mais fácil e seguro conduzi-los. Além de Campos da Paz, participaram da pesquisa os médicos Lúcia Willadino Braga e Sáuria Miranda Burnett.



Sarah inova com método para diagnosticar paralisia cerebral

Hanseniano terá plano plurianual

O número de casos de hanseníase cresceu no Distrito Federal. Nos últimos 18 meses, o Departamento de Saúde Pública identificou 551 novos doentes, elevando para dois mil e 500 o total de pessoas em tratamento. Segundo informações dos centros de referência para atendimento da doença, 26 por cento dos portadores são de fora de Brasília. Brazlândia é a cidade-satélite com maior número de

casos — 31 doentes para cada 10 mil habitantes.

Preocupados com o aumento de portadores de hanseníase, técnicos do DSP e Instituto de Saúde vêm discutindo as formas de controle e descentralização do atendimento na rede hospitalar pública.

Até o fim deste mês será elaborado o programa da dermatologia sanitária para os próximos anos. Atualmente, o tratamento da doença é feito em toda regional da Ceilândia, Guará, Sobradinho, Núcleo Bandeirante, Hospital Universitário e Asa Sul, Centro de Saúde nº 1 (quadra 508).